

A HISTÓRIA DO “BURACO FUNDO” CONTADA POR DIFERENTES GERAÇÕES DA CIDADE DE RESTINGA SÊCA, RS

THE STORY OF THE “BURACO FUNDO” TOLD BY DIFFERENT GENERATIONS FROM THE CITY OF RESTINGA SÊCA, RS

Emanuelle Tronco Bueno¹

<https://orcid.org/0000-0002-8074-651X>

Sylvie Dion²

<https://orcid.org/0000-0003-0919-1109>

RESUMO

O presente estudo traz um aprofundamento sobre relatos históricos e lendários acerca da localidade conhecida como “Buraco Fundo”, situada no município de Restinga Sêca, Rio Grande do Sul (RS). Trata-se de uma formação geológica, uma paisagem criada a partir da erosão, formada somente por fenômenos da natureza, sem qualquer intervenção humana. Desse modo, objetiva-se registrar a história oral sobre “Buraco Fundo”, através de relatos de pessoas que nasceram e viveram sua infância no município. A metodologia utilizada foi a leitura de referenciais teóricos, pesquisa documental e a aplicação da entrevista semidirigida. O resultado demonstra que a abordagem permite disseminar e manter traços culturais e memórias da cidade, desvelando a importância da oralidade na representação da história de um povo.

Palavras-chave: História oral. Discurso. Restinga Sêca. Buraco Fundo.

ABSTRACT

This study provides an in-depth look at historical and legendary accounts of the location known as “Buraco Fundo”, located in the city of Restinga Sêca, state of Rio Grande do Sul (RS), Brazil. It is a geological formation, a landscape created from erosion, formed only by natural phenomena, without any human intervention. In this way, the objective is to register

¹ Jornalista na Assessoria de Comunicação Social da Universidade Federal do Pampa (Unipampa). Professora de Língua Portuguesa - Séries Finais do Ensino Fundamental da Prefeitura de Dom Pedrito, RS. Doutoranda em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande (FURG). Mestre em Comunicação e Indústria Criativa pela Unipampa. Especialista em TICs pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) e em Marketing e Comunicação pela Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM/Sul). Graduada em Comunicação Social: habilitação em Jornalismo pela Universidade Franciscana (UFN) e em Letras - Português e Literaturas pela UFSM. No âmbito profissional, possui experiência na área de Comunicação Organizacional, com ênfase em Assessoria de Imprensa, trabalhando na CVI - Coca-Cola e no Grupo RBS. Na área literária, participou da organização de um livro junto ao poder executivo, bem como de coletâneas.

² Possui graduação em Artes e Tradições Populares - Université Laval (1982), mestrado em Artes e Tradições Populares - Université Laval (1985) e doutorado em Literatura Comparada - Université de Montreal (1991). Atualmente é professor associado da Universidade Federal do Rio Grande. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Literatura Oral, atuando principalmente nos seguintes temas: literatura oral, literatura comparada, lendas tradicionais e lendas urbanas, faits divers, cultura e literatura francófona.

the oral history about “Buraco Fundo” through reports of people who were born and lived their childhood in the municipality. The methodology used was the reading of theoretical references, documentary research and the application of the semi-directed interview. The result demonstrates that the approach allows the dissemination and maintenance of cultural traces and memories of the city, revealing the importance of orality in representing the history of a people.

Key-words: Oral history. Speech. Restinga Sêca. Buraco Fundo.

INTRODUÇÃO

A palavra texto – que pode ser manifestada na forma oral ou escrita, etimologicamente provém do latim *tecere* (em português, tecer). Tanto o texto como o tecido são constituídos de linhas – imaginárias ou reais – concatenadas, como uma espécie de colcha de retalhos, em que os retalhos agrupados formam um único objeto, um todo. Ao longo dos séculos, o mais utilizado modo de transmissão desses retalhos (partes), para formar o todo (o texto), é a linguagem. Através dela, os retalhos são originados e posteriormente costurados uns aos outros, seguindo sempre uma lógica própria dos falantes, de cores e estampas, determinados pelas particularidades daqueles que os produzem.

Estudar a linguagem, portanto, possibilita, além da inserção no âmbito social, a reflexão sobre suas representações sociais. É através das práticas languageiras que, ao longo das gerações, o passado se concatena ao presente, que a tradição toma forma, que os costumes são perpetuados e que as histórias seguem vivas – conquanto ligam-se umas às outras.

A concepção de linguagem como produtora de sentidos é sustentada por Bakhtin (2003, 2006). Para o autor, a linguagem é produto vivo da interação social, das condições materiais e históricas de cada período, ao passo que a propriedade mais marcante da língua é sua característica dialógica. A partir do conceito de dialogismo, o texto possui o potencial de recuperação do passado e projeção do futuro, e não de textos pensados como produtos isolados, ou seja, “a língua vive e evolui historicamente na comunicação verbal concreta, não no sistema linguístico abstrato das formas da língua nem no psiquismo individual dos falantes” (BAKHTIN, 2006, p. 128).

Através da oralidade, do texto oral, a linguagem é tida como significação, como sistema de sinais usados para fins sociais, como um recurso para gerar significado ou mesmo

como um sistema para interpretá-lo. O estudo desses elementos evidencia histórias, resgata práticas culturais e registra a trajetória de uma dada comunidade.

Partindo dessas considerações iniciais, este estudo é oriundo de relatos que envolvem o ponto turístico “Buraco Fundo”, localizado em Restinga Sêca, município da Quarta Colônia do Rio Grande do Sul, situado na região central, com cerca de 15.789³ habitantes e distante há cerca de 257km de Porto Alegre, capital do Estado. A relação afetiva da autora com a cidade, associada aos familiares próximos, oportunizou realizar uma pesquisa sobre o tema, até então não explorado sob o viés acadêmico do estudo da oralidade. Assim, a proposição se associou à necessidade do registro das memórias locais sobre o “Buraco Fundo”, um dos marcos da formação cultural da cidade.

Com isso, objetiva-se registrar a história oral sobre o “Buraco Fundo”, localizado no município de Restinga Sêca, Rio Grande do Sul (RS), através de relatos de pessoas que nasceram e tiveram sua infância no município. O “Buraco Fundo”, em restritas pesquisas acadêmicas sobre o fenômeno, está descrito como uma formação geológica, ou seja, uma paisagem criada a partir da erosão, formada somente em decorrência de fenômenos da natureza, sem que houvesse a intervenção humana em sua formação. O geossítio “Buraco Fundo” possui uma extensão de 20.000m² e sua origem ainda é desconhecida pelos estudiosos⁴.

A pesquisa aborda a relevância da história oral, considerando as forças que constituem o processo dialógico entre gerações. Desse modo, são valoradas as memórias dos interlocutores e seu território.

A metodologia utilizada foi: pesquisa bibliográfica, pesquisa documental e entrevista semidirigida. Após as entrevistas, foram realizadas transcrições sociolinguísticas de maneira integral e minuciosa, além da análise de dados. Dessas entrevistas, foi possível extrair os principais fatos históricos e lendas, que serviram para o resgate das memórias da cidade de Restinga Sêca associadas ao “Buraco Fundo”.

Com isso, o material resultante dessa pesquisa visa a divulgar os aspectos culturais, a agregar valor e a empoderar a voz dos contribuintes dessas narrativas, pois se trata de fatores importantes para a consolidação da história oral. Com isso, mantém-se estes aspectos enquanto se divulga o material como uma proposta de valorização da história local.

³ População estimada para 2019, conforme o IBGE Cidades. Acesso em 20 de fevereiro de 2020. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/restinga-seca/panorama>>.

⁴ Dados do Ministério do Turismo. Acesso em: 16 de janeiro de 2020. Disponível em: <<https://www.turismo.rs.gov.br/atrativo/716/buraco-fundo#sobre>>.

A HISTÓRIA ORAL

O vocábulo história, no senso comum, associa-se à narrativa de fatos e acontecimentos que envolvem diferentes formas de imaginação. Nessa perspectiva, Ramos (2010) aponta que esse entendimento de história corresponde à narração elaborada por um sujeito. Essas narrativas, sendo carregadas de subjetividade e de visões particulares, estão ligadas à individualidade e à unicidade. O entendimento da palavra oral, a seu turno, remete a discurso, fala, comunicação, interação. Assim, o desenvolvimento da história oral como campo de estudo está atrelado tanto a questões de narrativa, quanto linguísticas.

Sob o viés da narrativa literária, Todorov (2008, p. 221) defende que se deve avaliar a obra projetada sobre o discurso literário – o qual é colocado em evidência. Para o autor, a obra literária é, ao mesmo tempo, história e discurso. Ou seja, é história porque registra algo que representa certa realidade; é discurso porque esse acontecimento é relatado por alguém a outra pessoa. Nesta interação, o tempo do discurso se dá de forma linear, enquanto o tempo da história é pluridimensional, considerado o único traço do discurso que o distingue da história. Ou seja, o discurso é a narração do vivido a partir da subjetividade do narrador.

A complexidade da história oral consiste em sua característica sequencial de processos e constructos verbais, cuja gênese é oriunda dos encontros pessoais e culturais entre narrados (ou narradores) e o historiador. Tal característica deriva da heteroglossia própria da forma dialógica do discurso (BAKHTIN, 2006).

Ao abordar história oral, principalmente sob o viés indígena, Cruikshank (1998) discute questões epistemológicas sobre o tema, levantando pontos pertinentes para o pesquisador da área: A quem cabe formular e contar as histórias orais? Qual o papel da academia neste registro? Há lugar para quais vozes no trabalho acadêmico? Até que ponto essas representações do acadêmico não acabam se sobrepondo aos legítimos detentores dessa tradição oral? O próprio autor apresenta a noção de que tais questionamentos ocasionam uma gama de reflexões distintas.

A história oral é tida como um procedimento metodológico de pesquisa, em que o pesquisador realiza uma entrevista com pessoas que tiveram experiência e foram testemunhas dos fatos a serem investigados. Esse processo normalmente é registrado por meio de gravação sonora (CRUIKSHANK, 1998). Conforme Cruikshank (Idem, p. 153), a

objetificação da história oral foi prosseguindo até o século XX, quando ocorre, por influência estruturalista, uma ruptura neste entendimento. Assim, passou-se ao entendimento de que “narrativas orais podem inverter o comportamento social, porque o propósito de tais narrativas é resolver simbolicamente as questões que não podem necessariamente ser resolvidas na esfera da atividade humana”.

Da mesma forma, Jakobson (2009) também teve relevante contribuição para os estudos de folclore e da cultura popular. O autor traça a fronteira entre o folclore e a literatura a partir da comparação com as noções saussurianas de *langue* (social) e *parole* (individual). Essa contraposição, além de outros vieses, serve como ponto de partida para as chamadas “zonas fronteiriças”, que se encontram entre a oralidade e a escrita.

À época⁵, Jakobson (2009) ainda não pôde avaliar a cultura de massa como fenômeno geneticamente próximo ao folclore, mas as características dadas por ele ao folclore podem ser relacionadas à cultura de massa. Ao longo do século XX, dentro da cultura de massa, além da literatura popular, surgiram vários gêneros, cujas características são determinadas pelo meio de divulgação. Entre eles estão as rádios e as telenovelas, os programas de televisão, alguns filmes, a literatura da internet, os blogs e as redes sociais, entre outros. Essas novas formações surgem a toda hora, mas há algo que une todos eles e, nesse sentido, as conclusões de Jakobson (2009) parecem justas: as exigências do público moldam a sua forma e o conteúdo, desempenhando um papel determinante. Essa é a principal diferença entre a produção popular e a produção individual.

Segundo o referido autor, a literatura oral é marcada pela interação. Ao tratar o folclore como modo de ser, Jakobson (2009) fala de esboço ou molde da tradição. Significa dizer que cada indivíduo possui uma competência para interpretar e preencher este molde, tramar conforme seu capital intelectual, e é a partir dessa estrutura própria que a produção individual ocorre, permeada pelas vicissitudes de cada indivíduo.

Dentro do folclore, estão tanto as artes verbais (a exemplo das lendas), quanto qualquer produção artística popular. A lenda tradicional, portanto, é um gênero narrativo que pertence ao campo da oralidade. A partir de pressuposições múltiplas, incertas ou inconclusivas, advindas do imaginário popular, a lenda, conforme Bergeron (2010, p. 50), “deixa sempre insatisfação, interrogação, meditação, devaneio”. Portanto, segundo o autor, a lenda é caracterizada como uma narrativa que aflui da crença, além de partir do conhecimento prévio e das inclinações do ouvinte em aceitar a premissa do sobrenatural – para receber e

⁵ Este artigo de Jakobson (2009) foi publicado em alemão em 1929, traduzido em francês em 1973 e publicado em português em 2006.

complementar as reticências deixadas, necessariamente, pelo narrador. Nesta percepção, identifica-se a lenda do “Buraco Fundo” como uma lenda etiológica, pois esta desvela a existência ou o surgimento de algo, bem como se propõe explicar eventos inexplicáveis da vida ou da natureza desta comunidade.

Conforme Renard (2007), o boato e a lenda urbana, gêneros da literatura oral, possuem aproximação quanto ao conceito. Ao tratar dos elementos constitutivos do boato, o autor conclui que tanto o boato quanto a lenda urbana são “um enunciado ou uma narrativa breve, de criação anônima, que apresenta múltiplas variantes, de conteúdo surpreendente, contada como sendo verdadeira e recente em um meio social que exprime, simbolicamente, medos e aspirações” (RENARD, 2007, p. 98).

Os relatos orais que versam sobre o passado, por sua vez, referem-se explicitamente às vivências subjetivas experimentadas pelos oradores. Tal característica, outrora avaliada como limitadora, atualmente vem sendo enaltecida, conquanto é considerada importante virtude da história oral. Isso ocorre porque os fatos rememorados e apresentados na forma narrada revelam processos de percepção do mundo, construção do passado e a integração de tais fenômenos à vida da pessoa (CRUIKSHANK, 1998).

Precisamente neste sentido é que o autor (CRUIKSHANK, 1998, p. 156) elabora que “Se verificarmos como a tradição oral é utilizada na prática, veremos que, para a maioria das pessoas, ela não é um conjunto de textos formais: é parte viva, vital da vida” (CRUIKSHANK, 1998, p. 156). A referida linha de raciocínio justifica o enaltecimento das características próprias da história oral, especialmente sua estrita vinculação às experiências subjetivas dos protagonistas e contadores de cada história.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Metodologicamente, este estudo classifica-se como uma pesquisa exploratória qualitativa, desenvolvida a partir das seguintes técnicas: pesquisa bibliográfica; pesquisa documental; e, enquête com informantes (entrevista semidirigida). A flexibilidade própria da pesquisa exploratória se alinha a este estudo, tendo em vista que precisa estar aberta ao surgimento de novos aspectos para o objeto da pesquisa (CERVO, 2007). As três fases da pesquisa aqui descrita, embora se relacionem, possuem características próprias que justificam sua execução e relevância para o estudo (Tabela 1).

Tabela 1 - Etapas metodológicas

PESQUISA EXPLORATÓRIA						
Fases	1	Levantamento bibliográfico	2	Levantamento Documental	3	Enquete com informantes
Material	<ul style="list-style-type: none">▪ Bibliografia relacionada à temática▪ Dados sobre o Buraco Fundo em sites do poder público: Ministério do Turismo e Prefeitura Municipal de Restinga Sêca▪ Documentário “No fundo do buraco”, de Fabrício Koltermann▪ Música “Buraco Fundo”, de Mulita▪ Artigos acadêmicos multidisciplinares sobre o “Buraco Fundo”					
Técnicas de coleta e análise	<ul style="list-style-type: none">▪ Pesquisa bibliográfica: leitura, fichamento e sistematização▪ Pesquisa documental: de setembro de 2019 a fevereiro de 2020 em sites de órgãos oficiais e produções artísticas e acadêmicas sobre a temática▪ Entrevista semidirigida: de setembro de 2019 a fevereiro de 2020, realização com vinte pessoas que nasceram e viveram a infância em Restinga Sêca, sendo utilizado o critério de 5 pessoas por geração, considerando 4 gerações.					

Fonte: elaborado pela autora

A pesquisa bibliográfica serve de base e subsídio para as demais etapas, assim como a pesquisa de conteúdo é indispensável para elaboração das perguntas e aproximação com o objeto de estudo.

Na acepção de Létourneau (2011), a enquete com informantes é uma metodologia de pesquisa considerada complexa, que deve ser opção em caso de imprescindibilidade, a exemplo do campo aqui traçado, da cultura oral, em que se inserem os mitos, lendas e contos.

Em relação às etapas de uma enquete com informante, é necessário ter objetivos específicos de pesquisa, prezar pelos aspectos éticos quanto à exposição de motivos da enquete, como será registrada, o local de divulgação e fidedignidade na transcrição. A preparação do entrevistador também é fundamental, sendo indispensável pesquisa prévia sobre a temática:

[...] a qualidade das entrevistas orais depende, em suma, da qualidade de ouvinte do pesquisador e de sua capacidade para manter uma conversação harmoniosa sem controlar o conteúdo das palavras de seu informante. Também depende das qualidades humanas do pesquisador e do profissionalismo de sua operação” (LÉTOURNEAU, 2011, p. 220).

A entrevista semidirigida realizada é o “método mais utilizado para discernir o domínio que um informante tem sobre um campo específico de sua vida cotidiana” (ibidem, p. 223). Para tanto, a enquete foi desenvolvida com três perguntas abertas⁶, e a entrevistadora

⁶ As três perguntas realizadas foram: 1) Quando te perguntam sobre o Buraco Fundo, em Restinga Sêca, qual a primeira história que te vem à cabeça? 2) Já ouviu ou reproduziu alguma lenda ou mito sobre o Buraco Fundo?

(autora deste artigo) elaborou, durante o processo de interação, perguntas complementares ou comentários pertinentes.

A amostragem foi feita em relação aos objetivos buscados com o método, ou seja, aferir a visão de pessoas naturais do município de Restinga Sêca sobre o ponto turístico “Buraco Fundo” em diferentes fases de suas vidas. Para tanto, seguiram-se grupos da pirâmide etária do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), totalizando quatro grupos: pessoas abaixo de 30 anos; pessoas entre 30 e 59 anos; pessoas entre 60 e 79 anos; pessoas com 80 anos ou mais. Ao todo, foram 20 entrevistados, sendo cinco pertencentes a cada grupo etário pré-definido. As entrevistas foram realizadas durante outubro de 2019 e fevereiro de 2020 sendo estabelecido como critério a pessoa ser natural do município de Restinga Sêca e ter vivido na cidade durante sua infância.

O “BURACO FUNDO”

Esta seção configura a segunda fase da pesquisa realizada, em que se desenvolveu uma pesquisa documental, a qual se “vale de materiais que não recebem ainda um tratamento analítico, ou que podem ser reelaborados de acordo com os objetos de pesquisa” (GIL, 2009, p. 45). Assim, a partir de fontes diversificadas, constituídas por informações publicadas em sites do poder público e em produtos artístico-literários sobre o “Buraco Fundo”, traçou-se um panorama de apresentação deste ponto turístico de Restinga Sêca, RS, que ainda causa divergências e curiosidades nos moradores do município.

3) Acredita que o Buraco Fundo está ligado à alguma história fantástica ou mesmo sobrenatural do município de Restinga Sêca?

Figura 1 - Placa de identificação do "Buraco Fundo"



Fonte: arquivo pessoal

No site oficial da Prefeitura Municipal de Restinga Sêca, o Buraco Fundo está citado dentro da aba de “pontos turísticos”, juntamente com a Praia das Tunas. Na página, o município o apresenta como “turismo ecológico” e expõe uma foto-legenda com a seguinte descrição: “formação geológica proveniente de erosão. Localizado a 6km da cidade”. Já a página do Ministério do Turismo, na internet, detalha um pouco mais o que seja o local turístico, indicando-o como uma formação geológica, ou seja, uma paisagem criada a partir da erosão, formada somente pela ação da natureza, sem que houvesse a intervenção humana em sua formação. O geossítio “Buraco Fundo” possui uma extensão de 20.000m², e sua origem ainda é desconhecida pelos estudiosos⁷.

Figura 2 e 3 – Visão do “Buraco Fundo”



Fonte: arquivo pessoal

⁷ Dados do Ministério do Turismo. Acesso em: 16 de janeiro de 2020. Disponível em: <<https://www.turismo.rs.gov.br/atrativo/716/buraco-fundo#sobre>>.

O “Buraco Fundo”, em restritas pesquisas acadêmicas sobre o fenômeno, é citado dentro de uma unidade de colinas com rochas sedimentares em baixa altitude. Segundo (SCHIRMER; ROBAINA, 2018, p. 211), esta unidade é característica exclusiva de Restinga Sêca, “[...] localizando-se na porção sul do município [...] verifica-se a presença significativa de ravinas e voçorocas de grande intensidade. A maior voçoroca [...], denominada buraco fundo, tornou-se um atrativo turístico e ponto para estudos acadêmicos”.

Também foi possível encontrá-lo em pesquisas acadêmicas sobre turismo rural, como é o caso do artigo de Froehlich e Alves (2007, p. 75), que insere o Buraco Fundo no “Roteiro 15 - Roteiro dos Alemães”, no município de Restinga Sêca, um percurso de 60km e 8h de duração, passando pela “Igreja Evangélica, Casa da Família Erahdt, antigo armazém, Salão Rockembach, Casa Prochnow, São Miguel Velho (vila de ex-escravos) e Mirante da Lomba Alta, com vista panorâmica da cidade. Almoço e roteiro urbano com visita ao Buraco Fundo, fenda geológica de 20 mil m² e Cabanha Campo Novo”.

O atrativo foi inspiração para música do comediante local Derli Lemes, o “Mulita”. A letra “Buraco Fundo”, escrita por Derli Lemes, é conhecida pela comunidade, sendo citada, inclusive, nas entrevistas semidirigidas. Misturando humor com informações históricas, o autor relata:

Na minha terra existe, um aborto da natureza, o tal de Buraco Fundo, muitos acham uma beleza, mas ninguém sabe explicar o motivo desta erosão, no alto de uma coxilha, um enorme buracão. Antigamente existia, muitos moradores perto [...]. Pois este Buraco Fundo fica perto da cidade, na minha Restinga Sêca, Terra da Hospitalidade. No acesso para as Tunas, primeira à esquerda se dobra e vai dá lá no buraco, toda a verdade comprova. Porque a estrada geral passa beirando as barrancas e o povo ali admira como este buraco encanta. Mas o tempo foi passando, o pessoal de lá se mudou [...] só o buraco ficou [...]. Quando eu chego lá perto, de medo sinto arrepio, vendo tamanho buraco e a terra de lá sumiu. Pois ali não corre sanga, nenhum arroio nem rio. Só a história não conta como o buraco surgiu. Mas ele está registrado como um ponto turístico. Pois vá lá quem quiser ver, o buraco é um precipício. E aqui vai um convite a todos recantos do mundo. Venha visitar Restinga, conheça o Buraco Fundo [...] ⁸ (LEMES, s.d.).

O curta-metragem “No Fundo do Buraco”, lançado em 2010, teve direção, roteiro, direção de fotografia e montagem de Fabrício Koltermann, cineasta restingense. O curta recebeu os prêmios de Melhor Roteiro, Melhor Atriz - Darcila Scheidt e Melhor Júri Popular no 9º Santa Maria Vídeo e Cinema. O curta possui um roteiro de ficção, mas agrega pontos de realidade, como a explicação geográfica do “Buraco Fundo”, feita por um especialista ou pela presença de personalidades reconhecidas no município de Restinga Sêca. Os personagens do

⁸ LEMES, Derli. Música gravada pelo Grupo Tropolha. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=a6s1UKiAGPw>

curta são médicos, professores, fotógrafos, políticos e pessoas envolvidas com a vivência cultural do município.

O engenheiro florestal Marcos Barros, que realiza uma explicação técnica no curta-metragem sobre o fenômeno do “Buraco Fundo”, inicia sua explicação com elementos geográficos aferíveis do ponto de vista científico:

[...] O Buraco Fundo tenha sido uma grande erosão causada por um conjunto de fatores, sejam eles o esgotamento de um curso d’água subterrâneo, que se deu devido ao desmatamento de uma floresta, conhecida como floresta estacional decidual que vinha desde o rebordo da serra geral até essa região, um pouco mais, seja pela fragilidade do solo, um solo arenoso, e que esses rios subterrâneos que existem tenham se esgotado e ocorreu um afundamento que deu início ao processo de erosão⁹.

Em uma das falas, o médico e pesquisador Horácio Borges, personalidade conhecida na comunidade restinguense, já traz uma versão fictícia da história, seguindo as orientações do cineasta e interpretando um papel importante para veracidade do enredo ali proposto.

Teve a oportunidade de atender, tratar, medicar com calmantes, tranquilizantes, uma das pessoas que me afirmavam, e os seus familiares que levavam junto, de certeza que o transtorno, aquela preocupação, a modificação no temperamento e no psiquismo daquelas pessoas, foi após ter passado pelo Buraco Fundo. E existem na Restinga, até hoje, em nossos dias, tem pessoas que tem histórias verídicas, que viram fatos sobrenaturais ali no Buraco Fundo. É interessante até que essas pessoas contem especificamente, porque eles narram e afirmam que viram fatos que não têm explicação, coisas de fatos sobrenaturais¹⁰.

A HISTÓRIA ORAL DO “BURACO FUNDO”

Acerca da lenda do “Buraco Fundo”, é interessante rememorar algumas narrativas citadas pelos entrevistados: 1) Local destinado aos filhos “malcriados”, que eram jogados ali quando desrespeitavam os pais; 2) Local mal assombrado, pois os fantasmas das pessoas que ali morreram não conseguem deixar o local e quem chegar na beira do Buraco é derrubado como “vingança”; 3) Local com origem não explicada, relacionada a alienígenas ou confrontos armados (bomba atômica); 4) Ocorrência geográfica extraordinária, sendo a única existente no mundo. Vários estudiosos já teriam ido ver o local; 5) Cobras gigantes e de “milhares” de espécies, capazes de engolir um ser humano inteiro, habitam o local e devoram as meninas vivas.

⁹ BARROS, Marcos. Depoimento do curta-metragem “No fundo do Buraco” (2010). Transcrição literal. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=d6o-vBuBhTc>

¹⁰ BORGES, Horácio. Depoimento do curta-metragem “No fundo do Buraco” (2010). Transcrição literal. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=d6o-vBuBhTc>

Tais considerações se alinham à perspectiva de Bakhtin (2006, p. 378) de que a palavra não pertence somente ao falante, pois a comunicação se instaura com o olhar do outro: “Tudo o que me diz respeito, a começar por meu nome, e que penetra em minha consciência, vem-me do meu mundo exterior [...] tomo consciência de mim, originalmente, através dos outros”. Essa visão do autor está associada à crença de que um discurso se constrói a partir de outros discursos, remetendo ao princípio de dialogismo. Assim, Bakhtin (2003; 2006) mostra a necessidade de uma análise histórica da linguagem, não como algo externo, mas a própria linguagem como historicidade, em seu momento dialético de constituição.

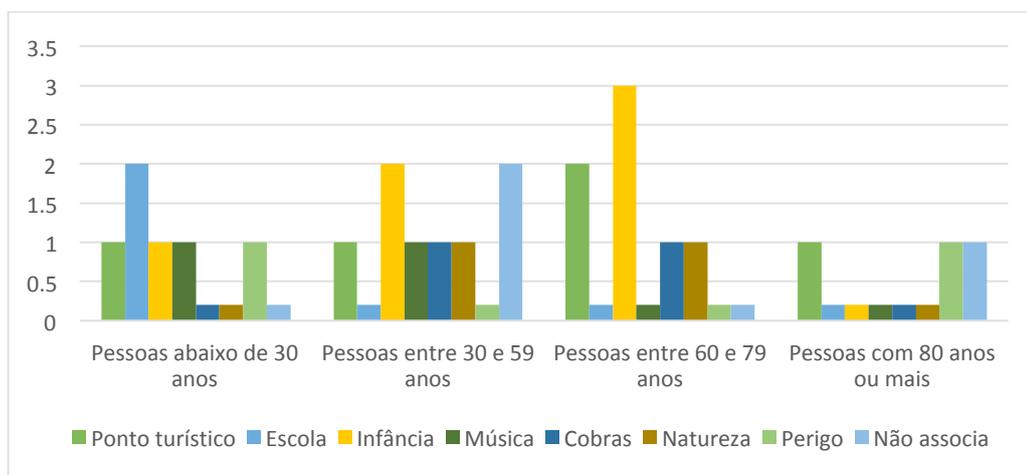
O autor refere, assim, que o “mundo interno” das pessoas é povoado por uma legião de vozes, que se somam àquelas do seu contexto social, resultando em vozes consonantes e dissonantes, em acordo e desacordo. Quando tal sujeito faz uso da linguagem oral ou escrita, todas as vozes incorporadas passam a integrar o seu discurso. Cada produção linguística é como um elo na cadeia da comunicação, que liga enunciados e falas num eterno simpósio universal da humanidade.

Os dados verificados durante as entrevistas corroboram essa compreensão. Há uma diferença de visões entre os grupos separados por gerações, considerando que cada época possui seu conjunto cultural de influências sobre a sociedade. A primeira impressão sobre o Buraco Fundo (Gráfico 1) expõe que no grupo mais jovem predomina a associação com o ambiente escolar, lembranças de professores explicando a formação geológica: “A primeira coisa que associo [com o “Buraco Fundo”] é de uma aula de geografia, de uma professora explicando sobre erosão do solo e utilizando o Buraco Fundo como exemplo”¹¹.

Já o segundo e o terceiro grupo associaram a lembranças da infância e levantaram o primeiro elemento da lenda sobre o local: a cobra. O grupo de pessoas com 80 anos associam o local com perigo ou ponto turístico, não levantando outras histórias. Todos os grupos fizeram associação do lugar com ponto turístico inexplorado no município.

¹¹ SIMON, Natalie. 26 anos. Restinga Sêca, fevereiro de 2020. Entrevista concedida a Emanuelle Tronco Bueno.

Gráfico 1 – Primeira impressão sobre o Buraco Fundo



Fonte: elaborado pela autora

As vozes dos dois grupos intermediários (Pessoas entre 30 e 59 anos e pessoas entre 60 e 79 anos) desvelaram histórias determinadoras de suas percepções de mundo. A entrevistada Neide Helena Brocardo, 76 anos, moradora da localidade em que se encontra o “Buraco Fundo”, recuperou discursivamente as narrativas da infância associadas, principalmente, a temáticas de natureza selvagem e insegurança, as quais tecem fios entre seres perigosos e seres humanos, lugares e acontecimentos, descrevendo-os como ocorreram, num reencontro com o vivido; assim, a realidade se constitui na e pela memória:

Em época de colégio, nós [ela e os irmãos] passávamos no Buraco Fundo para estudar. Tinha meus amigos, a Maria e o Geraldo que moravam perto da nossa casa, passavam na minha casa e nos [ela e os dois irmãos] pegavam. Mais adiante tinha o Renato e a Zélia [amigos], que também iam conosco. Na ida, nunca parávamos para ver o Buraco Fundo..., mas na volta do colégio, tínhamos tempo, os meninos jogando bolita... nós se metendo na briga deles. Quando chegava no Buraco Fundo, nós, as meninas, tinha ordem de não entrarmos no Buraco Fundo porque era muito perigoso e tinha cobras enormes lá embaixo, que nos engoliam vivas, inteiras mesmo. Então, não entrávamos, mas tínhamos muita curiosidade. Nós éramos pequenos, então achávamos que aquilo era imenso, que era metade do mundo ali¹².

O sentimento de medo transmitido nas histórias das cobras se preserva por intermédio de narrativas que perpetuam, de modo mágico, fenômenos que, se explicados pela ciência, perderiam sua força moralizadora. Destaca-se que a preservação das lendas circulantes, em uma cidade significa, também, buscar compreender como são construídas estratégias de sobrevivência e inventividade e como as transformações do meio social e cultural provocam (re)significações sobre o tempo e o espaço.

Nesse sentido, o entrevistado José Alvino Dutra da Silva, 65 anos, recorda:

¹² BROCARD, Neide Helena. 76 anos. Restinga Sêca, fevereiro de 2020. Entrevista concedida a Emanuelle Bueno.

Todo mundo fala desde que sou pequeno que ninguém sabe como surgiu aquilo lá. Acredito que seja algo sobrenatural, ninguém sabe de onde veio. Já ouvi dizer que lá no Buraco Fundo tem muita cobra, de milhares de espécies¹³.

Assim, a tradição oral em relatar histórias, lendas, causos e contos populares promove o reencontro com o tempo perdido. A memória está inscrita nos espaços, nos objetos, nas paisagens, nas sensações, em múltiplos lugares e, recuperá-la, é associar-se ao coletivo e ao cultural. Essas reconstruções falam de um tempo presente que estabelece limites para as lembranças, gerando novas formas, mas também recuperando o passado.

A entrevistada Gianna Maria Lamana, 52 anos, a seu turno, relata:

Quando éramos criança ouvíamos que era perigoso, que pessoas caíram e morreram, pois era impossível sair de lá, até porque deveria ter animais selvagens lá. Então, sempre nos recomendavam não chegar muito perto do buraco quando íamos visitar, porque as almas das pessoas que caíram poderiam derrubar para baixo¹⁴.

Verifica-se, desse modo, que a memória está presente nos discursos, naquilo que cada um interiorizou, que selecionou e que tem significado para si. As lendas, contos e causos recuperados pelas vozes dos entrevistados indicam que a memória cultural e literária da tradição oral está associada às lembranças das pessoas, sem registro escrito. A presença da memória no discurso é perceptível no resultado das entrevistas, de modo que cada indivíduo ou grupo de indivíduos respondeu com particularidades registradas no imaginário, além de que, mesmo aqueles que não reproduziram lendas e mitos, afirmaram que se recordam de ter ouvido relatos sobre o fato.

Estas memórias estão fortemente imbricadas às tradições culturais, narrativas que envolvem forças sobrenaturais. Duas vertentes da lenda do “Buraco Fundo” foram identificadas durante as entrevistas: 1) Associada a espíritos, assombração, medo, morte, perigo, insegurança; 2) Associada a natureza selvagem, cobras gigantes, “ninho com milhares” de espécies.

Outras versões surgiram, como boatos sobre seu surgimento, ou insegurança causada pela profundidade do local:

Quando era pequena, minha mãe sempre falava que quando as crianças incomodavam os pais levavam no buraco fundo e jogavam as crianças no buraco fundo. Ih... Morríamos de medo¹⁵.

¹³ SILVA, José Alvino Dutra da. 65 anos. Restinga Sêca, outubro de 2019. Entrevista concedida a Emanuelle Bueno.

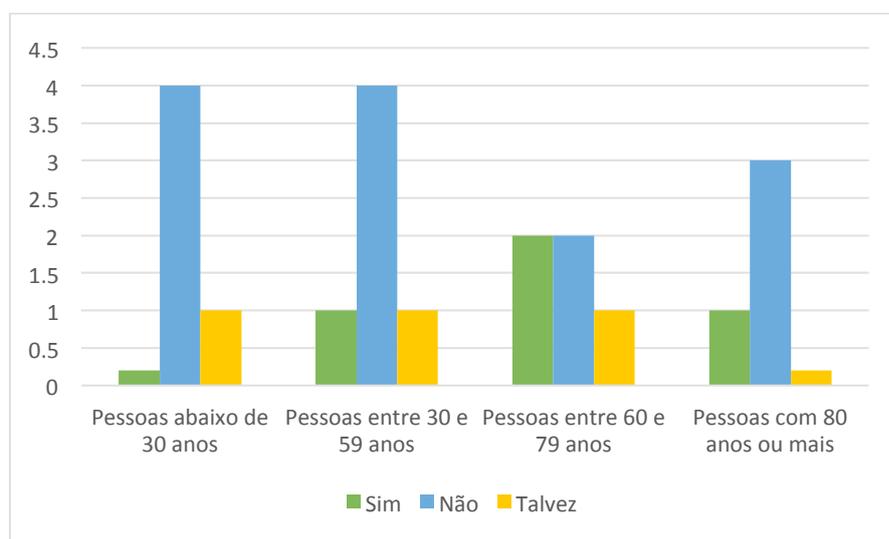
¹⁴ LAMANA, Gianna Maria. 52 anos. Restinga Sêca, outubro de 2019. Entrevista concedida a Emanuelle Bueno.

¹⁵ DUTRA, Iriana. 29 anos. Restinga Sêca, janeiro de 2020. Entrevista concedida a Emanuelle Tronco Bueno.

Já ouvi falar que tem gente que mora no Buraco Fundo, que vive lá no fundo, há anos... Associado a questões sobrenaturais, já ouvi falar que um extraterrestre caiu no local, formando a cratera, ou mesmo uma bomba¹⁶.

O silêncio, diferente do esquecimento, pode revelar tensões e contradições que tendem a esconder feridas, o que pode ser lido como uma resistência das pessoas – da sociedade civil – ao discurso oficial. Sobre o surgimento do “Buraco Fundo” estar ligado a alguma história fantástica ou mesmo sobrenatural do município de Restinga Sêca, Neide Helena Brocardo também relata: “((silêncio)) Olha... sempre temos essa dúvida. Como será que ele surgiu? Agora o que eu sei é que sempre está escorrendo algo ali dentro, deve ter alguma vertente ou algo assim”.

Gráfico 2 – O Buraco Fundo é uma história fantástica ou mesmo sobrenatural?



Fonte: elaborado pela autora

Percebe-se, no geral, uma resistência dos entrevistados em reproduzir, com veemência, alguma lenda do “Buraco Fundo”. Todavia, somente na faixa etária mais jovem os entrevistados não acreditam que o fenômeno esteja relacionado a algo sobrenatural ou fantástico. Esse dado reforça a relação da história oral com o contexto de sua criação, podendo ser “esquecida” ou mesmo “perdida” no tempo da oralidade, em que os jovens simplesmente deixaram de reproduzir este tipo de cultura para as futuras gerações.

CONCLUSÃO

À primeira vista, a distinção entre a entrevista semidirigida e uma conversa informal parece parca. Todavia, em um olhar mais atento, percebe-se que a entrevista

¹⁶ ALVES, Maglielle. 29 anos. Restinga Sêca, janeiro de 2020. Entrevista concedida a Emanuelle Tronco Bueno.

semidirigida possui um direcionamento dado pelo roteiro, há mediação ou intervenção de algum instrumento (gravador, caderno, caneta etc.) e sempre o esforço de voltar ao objetivo da pesquisa. Os diálogos que se estabelecem no cotidiano possuem forma livre e, muitas vezes, os temas se misturam e o registro feito é apenas o que os sujeitos envolvidos no processo comunicativo captaram da interação. Não há como negar a influência moderadora do pesquisador ou dessas espécies de registros na percepção dos interlocutores. Os elementos técnicos, gravador ou caderno de anotações, podem levar a entrevista para o campo de outros gêneros do discurso. Mas, em um ou em outro, na apresentação pública consciente ou na expressão oral espontânea, é possível ouvir e interagir com a história oral.

De todo modo, é inegável que a fala é mais ativamente estimulada pelos canais diferentes de coleta e transmissão. E daí que surge a relevância desta pesquisa, no que tange ao resgate da história oral da cidade de Restinga Sêca. Assim sendo, é válido salientar que, embora se deseje registrar a história oral do “Buraco Fundo”, é impossível fazê-lo com fidedignidade, pois sua mera reprodução escrita altera a originalidade de seu discurso. É nas intervozes, no múltiplo, nos amontoados de lembranças, no silêncio, nas expressões faciais e corporais, no tom da voz, na eloquência do narrador, que a história oral do “Buraco Fundo” de Restinga Sêca floresce. Nestas páginas, há mera pretensão de retratar essas visões, mas sem limitá-las ou esgotá-las.

É irônico pensar que a história oral se difunda por meio da palavra escrita, por ser uma prática no âmbito da voz. Contudo existem muitas maneiras de traduzir o oral em escrito. Aqui, optou-se por coletá-lo através de entrevista semidirigida, transcrever, editar, escrever, publicar. Não há transcrição de todos os propósitos, mesmo tentando transcrever a “exatidão” da fala, pois em determinados momentos os sons reais da palavra falada podem ser inacessíveis à escrita e, portanto, ao leitor.

Outro ponto que se destaca é que a performance oral também se perde, fica no tempo passado e, a cada reprodução falada, apresenta-se como algo novo. Por exemplo, os entrevistados com 80 anos ou mais confirmaram já terem ouvido ou reproduzido lendas acerca do Buraco Fundo, porém não mais recordavam do seu conteúdo. A ausência de registro exato, inerente à fala, ao mesmo tempo que caracteriza a história oral, pode ser responsável por sua perda.

Espera-se, portanto, que os textos das entrevistas aqui transcritas falem, que sejam lidos no exercício livre da imaginação do dito, do dialógico, da interação. O modo de se

perceber a narrativa depende da maneira como se ouve e a forma de ouvi-la e interpretá-la indica como será vislumbrada na página escrita.

Por fim, fecha-se este artigo unindo escrita e oralidade, referindo-se à música “Buraco Fundo”, escrita por Derli Lemes: “aqui vai um convite a todos recantos do mundo. Venha visitar Restinga, conheça o Buraco Fundo”.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. São Paulo: Hucitec, 2006.

_____. **Estética da criação verbal**. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BERGERON, Bertrand. **No reino da lenda**. Cadernos do Programa de Pós-Graduação em Letras da FURG, Série Traduções, n. 6, 2010.

CERVO, Amado Luiz. **Metodologia científica**. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.

CRUIKSHANK, Julie. **Tradição oral e história oral: revendo algumas questões**. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (Orgs.). **Usos & abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1998.

FROEHLICH, José Marcos; ALVES, Heberton Inocencio. **Novas identidades, novos territórios – mobilizando os recursos culturais para o desenvolvimento territorial**. Revista Extensão Rural: UFSM, n. 14, p. 65-90, 2007.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2009.

JAKOBSON, Roman. O folclore, forma específica de criação. In: QUEIROZ, Sônia (org.). **Algumas questões de poética**. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2009, p. 39-70.

JOACHIM, Sébastien. **Mitos e Imaginário**. In: **Poética do imaginário: leitura do mito**. Recife: Editor da UFPE, 2010, p. 285-311.

KOLTERMANN, Fabrício. **“No fundo do Buraco”**. 2010. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=d6o-vBuBhTc>>. Acesso em: 05 jan. 2019.

LÉTOURNEAU, Jocelyn. **Ferramentas para o pesquisador iniciante**. Tradução Ivone C. Benedetti. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

RAMOS, Fabio Pestana. **Para entender a história**. Ano 1, v. 1, p. 01-16, 2010. Disponível em: <<https://bit.ly/2sq5Sr3>>. Acesso em: 05 jan. 2019.

RENARD, Jean-Bruno. Um gênero comunicacional: os boatos e as lendas urbanas. Porto Alegre: revista FAMECOS, n. 32, 2007.

SCHIRMER, Gerson Jonas; ROBAINA, Luís Eduardo De Souza. ZONEAMENTO GEOAMBIENTAL DA QUARTA COLÔNIA RIO GRANDE DO SUL: uma análise integrada da paisagem. **Caminhos de Geografia**, v. 19, n. 68, p. 200-214, dez. 2018. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/caminhosdegeografia/article/view/40502/24780>>.

TODOROV, Tzevetan. As categorias da narrativa literária. In: BARTHES, Roland. et al. **Análise estrutural da narrativa**. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 218-264.

[Recebido: 11 mai. 2020 – Aceito: 24 mai. 2020]